A LITERATURA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS

MARCILENE BATISTA DA COSTA DE PAULA

RESUMO

Esse artigo pretende abordar reflexões a respeito da literatura infantil, a qual contribui de forma significativa para o desenvolvimento da criança. O objetivo desse artigo é destacar a importância da literatura infantil para motivar e engajar as crianças na leitura, a fim de despertar a criatividade e o desenvolvimento da imaginação. Para isso, três aspectos fundamentais são levantados: 1) Funções da literatura infantil; 2) O papel do professor como promotor da literatura infantil; e 3) Estratégias que favoreçam a aprendizagem natural da leitura, relacionadas à literatura infantil. A análise é baseada na abordagem construtivista da aprendizagem de línguas. Conclui com a menção de algumas considerações teórico-práticas para melhorar o trabalho da literatura infantil em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantil; Leitura; Ensino; Aprendizagem; Estratégias.

INTRODUÇÃO

As crianças aprendem com a linguagem que ouvem; portanto, quanto mais rico o ambiente linguístico, mais rico é o desenvolvimento da linguagem. O processo de apropriação da linguagem continua ao longo dos anos escolares, de modo que esses anos devem ser preenchidos com as imagens e o vocabulário estimulante que a literatura infantil oferece. O termo literatura pode ser definido a partir de uma perspectiva histórica ou cultural, da perspectiva de um crítico ou de outro, ou de um ou outro leitor. Como promotores da leitura, entendemos a literatura como a construção imaginária da vida e do pensamento em formas e estruturas de linguagem, integradas em um conjunto de símbolos que provocam uma experiência estética. Essa experiência pode ser a reconstrução viva ou a expansão de eventos anteriores, ou a criação de novas experiências a partir da interação com diferentes gêneros. Lukens (1999) aponta que "um gênero é uma classe ou tipo de literatura que possui um conjunto de características comuns" (p. 13). Assim, podemos falar de cinco gêneros:

a) ficção ou romance ou literatura de mistério; b) literatura tradicional, representada por fábulas, lendas e mitos; c) fantasia, relacionada a temas fantásticos; d) poesia; e) realista, vinculado a biografias, relacionado a temas fantásticos. O fundamento de todos estes gêneros é a função imaginativa da literatura que permite ao aluno o enriquecimento pessoal, o conhecimento do patrimônio cultural de seu contexto social, a reafirmação de sua identidade e o contato com mundos diversos, o que favorece o desenvolvimento de pensamentos divergentes. Assim, a literatura infantil, em sua maioria escrita por adultos, é aquela que, sendo a criança protagonista ou não, reflete suas emoções e experiências; É aquela que, tendo como centro a perspectiva da criança, oferece a ela, nem sempre, finais felizes.

Pode-se afirmar que a criança, desde muito jovem, participa da literatura como uma brincadeira, diversão ou entretenimento. Quando vai para a escola também tem contato com a literatura não só para fins recreativos, mas com outras intenções: aprender a ler e escrever, cultural, moral, religiosa e pedagógica. Nesse sentido, é oportuno citar Rodríguez (1991) que aponta que a criança desde o nascimento é exposta a produtos literários que sua cultura lhe propõe para diversos fins e por meio de diferentes meios (por exemplo, televisão, rádio, cinema). Ouve canções de ninar, é contado ou histórias são lidas para ele. Quando fala, ele brinca com as palavras, canta canções e aprende enigmas. Esse fato determina que as crianças podem aprender algumas regras de funcionamento ou marcas do texto literário inconscientemente. Isso lhes permite desenvolver esquemas de antecipação sobre o funcionamento da linguagem escrita, que serão muito úteis para a aprendizagem da leitura. Por isso, entre as primeiras atividades espontâneas de expressão oral e leitura da criança está o gosto pelas histórias. Esse gênero literário é o mais utilizado pelos professores para ensinar a leitura em sala de aula; portanto, é mais comum, apropriado e aceito em todas as idades (Vannini, 1995).

Da mesma forma, a história é uma ferramenta que estimula o pensamento criativo, imaginativo e crítico das crianças, permitindo que se expressem de várias formas. Desde o nível da educação inicial e pré-escolar, as crian-

ças demonstram interesse em explorar e estabelecer contato com diferentes materiais de leitura e escrita, que as induzem a manifestar experiências e vivências reais e imaginativas, dando origem à expressão das suas próprias ideias, emoções e sentimentos que permitem seu mundo interior emergir. Portanto, o uso da história torna-se uma ferramenta didática útil para acompanhar as crianças de maneira emocional e criativa em seu processo de formação.

Essas ideias são complementadas por Puerta, Gutiérrez e Ball (2006) que afirmam que "a literatura proporciona às crianças conhecimento, prazer e gratificação, é uma experiência enriquecedora que lhes oferece a oportunidade de compartilhar sentimentos, significados e outras construções de acordo com suas necessidades e interesses privados "(p. 24). Da mesma forma, Navas (1995) considera que "o discurso literário difere de outros discursos porque favorece a liberdade interpretativa do leitor, logo, cada leitura, mesmo de um mesmo texto, torna-se uma nova aventura para a criança" (p.33). Por sua vez, Goldin (in Rosenblatt, 2000) aponta que não vê o ensino da literatura apenas como uma forma de fruição, nem como uma forma de se aproximar do espírito porque "ler literatura é uma experiência".

POR QUE A LITERATURA INFANTIL?

A literatura infantil constitui um poderoso meio de transmissão de cultura, integração de áreas do conhecimento: história, música, arte, psicologia, sociologia, etc., enriquecimento de universos conceituais e formação de valores. Além disso, a literatura desempenha um papel fundamental na escola e em casa como ferramenta que favorece a abordagem dos processos de leitura e escrita.

A importância da literatura pode se refletir no valor afetivo que ela oferece à criança por meio de:

a) Deleite e alegria: a literatura educa e também diverte. Ao criar espaços na sala de aula para a literatura, abrem-se portas à criatividade, ao poder criativo da palavra e do imaginário; levando as crianças a descobrir o prazer que os livros trazem antes de serem solicitadas a desenvolver habilidades de leitura (ou seja, decodificação). Assim, ler faria tanto sentido quanto andar de bicicleta; eles sabem o quanto a experiência será divertida.

A associação da literatura com a diversão e o brincar pode ser observada em Huizinga (1987), que vê a poesia como uma função lúdica, "A poesia nasce do brincar e do brincar" (p. 144). Assim, este autor sugere algumas características comuns entre poesia e jogo: a) São ações desenvolvidas dentro de certos limites de tempo, espaço e sentido, em uma ordem visível; b) Operam com regras livremente aceites e fora da esfera da utilidade ou necessidade material; c) O estado de espírito é êxtase e entusiasmo; d) A ação é acompanhada por uma sensação de elevação e tensão e leva à alegria e ao abandono. Da mesma forma, Bethelheim (1978) afirma que, para uma história prender a atenção da criança, deve diverti-la; deve concordar com suas ansiedades e aspirações, faça-o reconhecer plenamente suas dificuldades, ao mesmo tempo que sugere soluções para os problemas que lhe dizem respeito. Segundo esse autor, nada na literatura infantil enriquece e satisfaz tanto a criança quanto os contos de fadas populares, pois permitem que ela aprenda muito sobre os problemas internos do ser humano e suas soluções.

b) Reforço da narrativa como forma de pensar: Contar histórias é tão antigo quanto a história da humanidade e tão novo quanto o evento que ocorreu esta manhã. Perguntem a qualquer amigo como passaram o fim de semana ou as férias, e poderemos apreciar a construção organizada dos acontecimentos vividos. Poderíamos dizer, então, que a narrativa é hoje a forma mais eficaz e comum de ordenar nosso mundo. Nas crianças, contar histórias é a forma de pensar típica que pode ser observada em diferentes situações da vida (por exemplo, o aborrecimento que sentem por ter de partilhar os brinquedos ou a emoção da aventura de ir pela primeira vez à praia). A narração do livro oferece uma reafirmação da história pessoal que a criança contou a si mesma e que podemos associar ao que Vygotsky (1982) descreve como linguagem interior.

Ouvir histórias é uma forte motivação para a criança querer aprender a ler. Ao associar a leitura ao prazer, as crianças também querem aprender a fazê-lo. Muitas vezes as crianças ouvem sobre a importância da leitura, mas com as nossas ações mostramos que valorizamos mais as outras atividades.

c) Desenvolvimento da imaginação: A literatura desenvolve a imaginação e a curiosidade das crianças, ajudando-as a apreciar a natureza, as pessoas e as experiências de ma-

neiras não consideradas por elas. Diante da invasão explícita da televisão, a literatura oferece ao imaginário infantil novas dimensões que dificilmente ela descobriria. Os livros infantis têm o poder de criar imagens na mente do leitor e expandir sua imaginação. O imaginário é definido pelo grau de transposição da realidade e se opõe ao referencial. Parte do real, mas não é uma cópia, é uma imaginação ativa.

A imaginação não é uma fuga, uma fuga, um refúgio fora do real, mas um olhar diferente sobre o real. Nesse sentido, a poesia é um poderoso instrumento de estímulo à imaginação, ao dotar a linguagem de outra dimensão que não a da comunicação utilitária. Este gênero literário nos permite ter um poder de transformação, modificação, prospecção e criação sobre o real. Portanto, cultivar a imaginação é enriquecer a capacidade de conhecer e criar.

d) Percepção do comportamento humano: A literatura tem potencial para refletir a vida, delineando e dando coerência à experiência humana. Ao contrário dos fatos oferecidos pela escola, a literatura expressa emoções e qualidade de vida. Como assinala Chukovsky (1963):

"O objetivo de toda narrativa é fomentar na criança, a qualquer custo, a compaixão e a humanidade, essa milagrosa capacidade do homem de ser movido pelas agruras de outro ser humano, de sentir alegria pela felicidade de outro, para experimentar a fatalidade de outro como se fosse deles. " (p. 138)

Da mesma forma, segundo Reyes (2003), ligar o livro ao afeto dos mais importantes e queridos permite criar um ninho emocional para enfrentar os desafios posteriores da alfabetização, pois antes de entrar no código escrito, a criança teve a oportunidade de vivenciar as recompensas vitais da leitura: o vínculo afetivo que conecta palavras, histórias e livros com os seres humanos. O argumento mais forte para trabalhar a leitura desde a primeira infância é garantir a inclusão da família em torno de um grande projeto de educação integral que fortaleça os vínculos afetivos e comunicativos e enriqueça o desenvolvimento emocional e intelectual. Ao fazer conexões entre literatura e vida, você estará fomentando o amor pela leitura.

Acreditamos que os valores acima mencionados devem ser suficientes para dar um lugar de destaque à literatura na escola; infelizmente esse não é o caso. Isso só recebe atenção quando faz parte do conteúdo de um programa que deve ser memorizado pelos alunos.

A MÁGICA DA LITERATURA INFANTIL

O objetivo principal de incorporar períodos permanentes de leitura em sala de aula deve ser pautado pela recreação e pela curiosidade, e não como um trabalho escolar. Para isso, o contato inicial dos primeiros anos deve ser interessante e agradável, onde a professora lê e conta histórias para os mais pequenos por meio de livros com ilustrações atraentes. Durante a Primeira Etapa, da primeira à terceira série, ofereça contatos agradáveis com a literatura infantil por meio de dramatizações, de contos ou de atividades na área de linguagem. Na Segunda e Terceira Fase, os interesses por temas decorrentes das atividades regulares das aulas devem ser complementados com a leitura independente de literatura infanto-juvenil, como é o caso da leitura de poemas, romances curtos e períodos de partilha de experiências. No nível intermediário, os eventos promovidos devem ter como objetivo principal contribuir para o desenvolvimento de um gosto genuíno pela literatura, o despertar de novos interesses e o cultivo de atitudes favoráveis aos diferentes gêneros literários. Acreditamos ser importante lembrar que o professor é o mediador entre a criança e o texto, pois você aprende a ler lendo boas leituras, dirigidas com inteligência e progredindo gradativamente.

A incorporação da literatura infantil na sala de aula tem seu embasamento pedagógico na abordagem da Linguagem Integral. Entre os princípios que sustentam esta abordagem, destaca-se o uso de material de leitura "verdadeiro" correspondente a diferentes gêneros literários (por exemplo, poesia, fantasia, ficção e não ficção); Estes

"enriquecem a vida das crianças com uma variedade de experiências de que desfrutam, e que são significativas para os seus interesses e devem ser realizadas no contexto, ao contrário de uma abordagem centrada no desenvolvimento de competências isoladas" (Escalante, 1995, p. 32)

Mas não basta estimular o interesse pela leitura, se o seu prazer não for cultivado. A necessidade de promover o prazer da leitura tanto no ensino básico como no secundário é urgente, dado o aumento do tempo livre das crianças e dos jovens. Saber ler não faz sentido,

a menos que se leia. Os professores que valorizam essa premissa oferecem oportunidades e disponibilizam às crianças a maior quantidade de literatura escrita para eles. O aprendizado da leitura se dá pelo contato do aluno com bons livros. O encontro entre crianças e livros na escola pode ser criativo (ou seja, construtivista) ou tradicional (ou seja, comportamental). Se ocorrer uma situação criativa, onde a vida conta e não a rotina, pode surgir o gosto pela leitura, com a qual não se nasce, mas se forma.

Nesse sentido, é notável que a fruição da literatura infanto-juvenil, iniciada na pré-escola e nas primeiras séries por meio de contos e dramatizações, seja interrompida com o avanço da escola. É lamentável a pouca dedicação que a sala de aula dá a esse material de leitura durante um período em que crianças e jovens começam a ler com maior independência e quando seus interesses e gostos podem ser facilmente cultivados.

Essa situação pode ser atribuída à marcante diferença entre as funções da literatura e o que é executado em sala de aula pelo professor para ensiná-la. Entre os motivos que explicam essa situação estão: a baixa competência linguística do professor como usuário da língua; falta de formação sólida na área de leitura e escrita; desconhecimento da proposta oficial ou má e superficial interpretação do programa; e falta de treinamento e atualização de professores. Por isso, consideramos que o professor é uma figura chave para organizar as experiências pedagógicas; A sua ação deve permitir detectar as áreas potenciais das crianças e dar importância aos interesses, experiências anteriores e contexto sociocultural em que a criança vive e partilha.

Sabemos que algumas crianças aprendem a ler com facilidade, enquanto outras o fazem viajando por estradas acidentadas. Qualquer que seja a maneira que os professores e pais usem para ajudá-los, é necessário expô-los e envolvê-los com "livros de verdade". Quando os livros são disponibilizados para crianças e jovens, eles começam a procurá-los e sua capacidade de leitura aumenta. Associado à disponibilidade está o interesse; já a falta dela pode causar, tanto em crianças quanto em adultos, falhas na leitura. Ao contrário, quando há um alto grau de interesse, os alunos persistem em trabalhos que envolvam a leitura até obterem satisfação.

Para Kopel (1993, p. 34), “o interesse é mais do que uma atitude positiva em relação a algo”, ele tem sua origem na experiência e constitui um desafio que incentiva o indivíduo mesmo quando não há necessidade biológica. Assim, para alguns, a leitura de textos literários pode ser uma forma de descobrir novos pontos de vista e ampliar a experiência, ou para outros pode ser uma atitude passiva e rotineira que desperdiça tempo, desperdiça energia e distrai a atenção à realidade.

A leitura de textos literários pode tornar-se uma das atividades mais divertidas e divertidas, a predileta das crianças, se lhes proporcionarmos bons e belos livros e se os envolvermos com um ambiente acolhedor e agradável. Porque a literatura é certamente um prazer. Um prazer muito particular que nos permite imaginar acontecimentos, personagens, lugares; além de enriquecer nossa experiência pessoal e desenvolver nossa capacidade de compreensão e expressão. Nesse sentido, um bom leitor poderá atuar com mais fluência em seus estudos e também terá a possibilidade de se tornar um cidadão informado, ciente de suas decisões.

Aprender a ler bem se consegue colocando o aluno em contato com os melhores professores de leitura: bons livros. Em relação a isso, Pennac (1993) afirma:

A criança continuaria a ser um bom leitor se os adultos ao seu redor alimentassem seu entusiasmo em vez de testar sua competência, se estimulassem seu desejo de aprender em vez de impor o dever de recitar, se o acompanhassem em seu esforço sem se contentar em esperar para ele. Ao virar da esquina, se concordassem em perder as tardes em vez de tentar ganhar tempo, se fizessem vibrar o presente sem brandir a ameaça do futuro, se se recusassem a transformar o que era um prazer em uma tarefa difícil, se alimentaram esse prazer até mesmo. Será transmutado em dever, se esse dever se sustentar na gratuidade de qualquer aprendizado cultural, e eles próprios recuperarão o prazer dessa gratuidade. (p. 13)

Portanto, a atitude de leitura das crianças é afetada pelo trabalho controlador dos professores, pela pressa em compreender, situações cotidianas tradicionais em que o livro é um instrumento de exercícios (ex: cópia, resumos, análise gramatical) e "julgamento-teste", e o desejo de incentivar a realização de atividades lúdicas que não deixem espaço para reflexão. Isso pode gerar uma certa técnica de leitura, mas não gosto; as crianças saberão ler,

mas apenas se forem forçadas a isso. Outro fator que influencia é a escassa formação literária de professores, filhos de uma geração de não leitores e de uma sociedade semianalfabeta, largamente ignorantes de uma literatura infanto-juvenil que não tem tradição em nosso país, que continua a ser um grande desconhecido.

O UNIVERSO INFANTIL E AS HISTÓRIAS

As histórias cativam as crianças como nada mais e foram usadas por mais tempo do que qualquer outra ferramenta de comunicação para transmitir lições importantes, informações ou simplesmente para entreter. Historicamente, a leitura ou a escrita podem nunca ter desempenhado nenhum papel em muitas culturas, mas a narrativa sempre foi central. E por uma boa razão. Uma boa história envolve nosso cérebro como nada mais pode. Elas são uma arte antiga e uma prática espiritual - somos simplesmente construídos para contar e apreciar histórias.

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

A mudança em nosso cérebro quando ouvimos uma história versus uma palestra composta de fatos e números é dramática.

Ao ouvir uma história versus uma lista de fatos, uma criança usa mais de seu cérebro e é capaz de se conectar emocionalmente com os personagens. Eles também constroem um vínculo emocional mais forte com o contador de histórias. Além disso, os ouvintes de uma história aprofundam sua capacidade de empatia e aumentam sua atenção.

Contar histórias é a forma mais antiga de ensino. Ele uniu as primeiras comunidades humanas, dando às crianças as respostas para as maiores questões de criação, vida e vida após a morte. Histórias nos definem, nos moldam, nos controlam e nos fazem. Nem toda cultura humana no mundo é alfabetizada, mas toda cultura conta histórias.

Histórias criam magia e um sentimento de admiração pelo mundo. As histórias nos ensinam sobre a vida, sobre nós mesmos e sobre os outros. Contar histórias é uma maneira única de as crianças desenvolverem uma compreensão, respeito e apreço por outras culturas, e pode promover uma atitude positiva para pessoas de diferentes países e religiões.

Nas escolas em que melhorar os níveis básicos de alfabetização é uma prioridade, a narrativa pode ser usada para elevar rapidamente os padrões, desenvolvendo habilidades, conhecimentos e confiança em várias outras áreas.

Outra vantagem de ouvir histórias é que as crianças crescem no aprendizado acadêmico. A narração de histórias introduz muitos vocabulários novos para as crianças. Nas casas, as pessoas se comunicam com um número limitado de palavras. Mas as histórias terão vocabulário de nível acadêmico e muitas palavras mais novas para a criança aprender. É fácil ensinar o significado das palavras, à medida que as crianças aprendem mais rapidamente no contexto da história.

De acordo com Abramovich, (1995, p.17):

(...) é através de uma história, que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir, ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo de história, geografia, filosofia política, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula(...)

Pode se aumentar a capacidade de memória das crianças pedindo que lembrem das histórias que já foram lidas para elas ou que lembrem onde parou no dia anterior.

As diferenças entre culturas e vários estilos de vida são introduzidas nas crianças através de histórias. Todas as histórias são informativas para as crianças, como sendo novas para o mundo; eles podem saber muito pouco sobre a vida no mundo. Histórias ajudam as crianças a visualizar o enredo e os personagens.

Se o professor quer que as crianças ouçam ativamente e entendam a história, ele deve ler as histórias emocionalmente, mudar o tom do som de acordo com os sentimentos e emoções descritos na história, usar uma linguagem corporal eficaz para transmitir ideias da maneira exata. Contar histórias perfeitas é encenar uma história.

O ato de contar Histórias ensina as crianças a serem criativas e a torná-las pensamentos e ações dinâmicas.

Segundo Máximo-Esteves (1998, p.125):

O prazer que a criança tem de ouvir e contar histórias são um claro indicador de que a fantasia e a imaginação são muito importantes para ela conhecer e compreender. Ora as histórias são o modo mais corrente de integrar a cognição e a imaginação, a Educação Ambiental e a fantasia.

Contar histórias era uma prática honrada nos tempos antigos, quando as pessoas se aglomeravam nas fogueiras compartilhando histórias, na tentativa de explicar e entender o mundo natural e espiritual. Contar histórias também era o meio comprovado pelo qual uma vila poderia reunir seu conhecimento e sobreviver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crianças são treinadas como leitores literários por meio da leitura de livros infantis. Saber como são esses textos, quais os temas que abordam, quais as características que apresentam e quais os valores que transmitem é um conhecimento essencial para todos aqueles que se interessam em formar-se como leitores das novas gerações. O importante não é apenas reconhecer o texto literário como a forma mais complexa de articulação discursiva caracterizada por uma retórica específica e complexa, o predomínio de funções poéticas e metalinguísticas, os procedimentos de conotação, os empréstimos intertextuais, a forma particular de trabalhar com a referência ou a peculiaridades do sistema de enunciação, mas também como instrumento pedagógico relacionado com: a Linguagem e formação integral; Formação de leitores autônomos e redatores críticos; Gozo, recreação, criatividade e desenvolvimento da fantasia; Conhecimento da realidade e maior apropriação do conhecimento; Dimensão ética, uma vez que existem múltiplos valores universais, nacionais e locais presentes nas obras literárias.

A tarefa de mediadores da literatura para crianças na escola leva-nos a identificar, analisar, compreender e explicar os múltiplos fatores que intervêm para que a literatura chegue ao leitor, tais como: ambiente familiar e escolar, prática pedagógica, formação de professores, contato com os textos, pessoal experiência de leitura, ou contexto cultural. Desta forma, pretende-se aprofundar a compreensão do problema e apresentar motivos para instalar um espaço que possibilite outras formas de se relacionar com a literatura.

É preciso entender que desde o momento em que a criança entra em contato com os livros e começa a ler até o momento em que domina a leitura e sente prazer nela, há um longo processo que a escola deve nutrir e orientar. A criança que percebe a aprendizagem da leitura como um processo difícil e punitivo não sentirá prazer nem se aproximará espontaneamente da leitura; porque o gosto pela leitura não se desenvolve sob pressão ou por obrigação, ou com livros chatos ou sem sentido, cujo único uso é o ensino da leitura. Daí a necessidade de proporcionar aos alunos materiais de leitura abundantes, lúdicos e interessantes, adaptados às suas necessidades, gostos e dos mais variados: contos, poemas, cancioneiros, livros de enigmas, piadas e ditos.

Nesse sentido, o desafio da escola de hoje é promover uma mudança: de não leitores para leitores eficientes por meio da literatura infantil. Busca estimular o poder criativo e desenvolver a imaginação. Isso é alcançado com professores que orientam e estimulam, que oferecem um clima para a leitura e produção de textos literários, que motivam, envolvem a criança com a leitura e conversação sobre textos literários; tudo, para despertar e canalizar a sua atitude crítica. Tendo sempre em mente que os alunos se tornam leitores críticos à medida que utilizam seus conhecimentos e experiências anteriores para conhecer, prever, classificar, analisar, avaliar, comparar, comentar e interpretar.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. Literatura Infantil: gostosuras e bobices. São Paulo, SP: Scipione, 2003.

BETTELHEIM, B. Psicanálise dos contos de fadas. Barcelona: Grijalbo. 1978. CHUKOVSKY, K. Das duas às cinco. Norton, Berkely: University Press. 1963.

ESCALANTE, D. Práticas de alfabetização em uma sala de aula de língua inteira da